
O falso assalto: análise de coberturas de webjornais sobre o caso Ryan Lochte¹

Shagaly Damiana Araujo FERREIRA²

Jussara Peixoto MAIA³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

Resumo

O presente trabalho tem como tema o caso da falsa comunicação assalto do atleta Ryan Lochte, durante as Olimpíadas de 2016, no Brasil, e tem o objetivo de verificar aspectos referentes a definidores primários, enquadramento, valores-notícia, mapas culturais e representações de nação relacionados ao episódio. Serão utilizadas como objeto as coberturas dos webjornais *GI*, *El País* e *BBC News*, a fim de observar semelhanças e/ou discrepâncias nas coberturas da notícia e identificar a aplicação das noções teóricas supracitadas em elementos do episódio em questão.

Palavras-chave: Ryan Lotche; assalto; Olimpíadas; coberturas jornalísticas; webjornais.

Introdução

A análise apresentada aqui tem como *corpus* coberturas jornalísticas de webjornais sobre o caso do falso assalto ao atleta Ryan Lochte, na ocasião das Olimpíadas de 2016, no Brasil, e visa a observar aspectos relacionados a definidores primários, enquadramento, valores-notícia, mapas culturais e representações de nação, acionados a partir de um acontecimento forjado que se tornou notícia credível. Para tanto, serão utilizadas as coberturas dos webjornais *GI* (das *Organizações Globo*, no Brasil), *El País* (da Espanha) e *BBC News* (Inglaterra/Reino Unido), a fim de verificar similitudes ou oposições nas coberturas da notícia e observar a aplicação das teorias citadas em certos pontos do episódio em estudo.

O caso em questão tomou ampla repercussão quando o nadador Ryan Lochte, de 33 anos, relatou ao veículo de imprensa norte-americano *NBC News*, ao Comitê Olímpico dos Estados Unidos e à família que havia sido assaltado juntamente com um grupo de

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRB, e-mail: shagaly.araujo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRB, e-mail: jussaramaia@uol.com.br

atletas, após uma festa no Rio de Janeiro. Segundo o atleta, o grupo, que estava no Brasil representando os EUA nas Olimpíadas, teria sido abordado em um táxi por homens armados que se passavam por policiais, exigindo dinheiro e pertences pessoais. Os assaltantes teriam forçado os nadadores a se deitarem no chão, ameaçando-os com uma arma e deixando-os apenas com celulares e credenciais.

Somente dias depois, quando órgãos responsáveis pela segurança pública brasileira começaram a perceber contradições nos depoimentos e outros elementos que fragilizavam a denúncia de crime, foi descoberta a falsidade das informações prestadas pelo atleta, que forjou o assalto para encobrir ações de vandalismo cometidas por ele e por seus companheiros em um posto de gasolina, após uma noite de consumo excessivo de bebidas, forçando a imprensa, que até então tinha sustentado o relato do falso assalto, a trabalhar com uma versão bastante diferente dos fatos.

É sabido que, se por um lado as teorias que conferem ao trabalho jornalístico um grau rigoroso de neutralidade e imparcialidade não se sustentam, por outro, grande parte da população tem nesses meios de comunicação uma das únicas formas de obter informações e espera deles um trabalho minimamente criterioso na checagem dos fatos. Contudo, subjacente ao esquema de funcionamento dos veículos midiáticos está uma série de elementos que acionam ideologias cristalizadas na sociedade, que orientam desde o valor-notícia até às inferências sobre o público-alvo que forma sua audiência. Portanto, este trabalho dialoga com esses pontos complexos implícitos nos mecanismos noticiosos, mas que são estrategicamente velados para o grande público.

Revisão bibliográfica

Propor uma reflexão a respeito das informações veiculadas pela mídia e sua relação com estruturas hierárquicas consolidadas é acionar uma série de concepções elaboradas historicamente sobre as teorias do jornalismo e como elas lançam luz a essas temáticas. Neste trabalho, em especial, interessam as noções em torno de temas como representações culturais, valores-notícia e seus definidores, enquadramento da notícia e sua relação com a audiência. É nessa perspectiva que autores que se debruçaram sobre esses estudos serão apresentados.

Dentre tais pesquisas, estão as de Juliana Gutmann (2006), que, ao discorrer sobre o panorama histórico dos estudos a respeito dos chamados *media effects*, aponta para a

chamada quarta fase dessas pesquisas como uma das que mais considera a audiência como parte da produção de sentido em relação aos conteúdos apresentados pelos meios de comunicação. O público, até então percebido como um receptor passivo dos produtos midiáticos, passa a ser considerado parte de um sistema sociocultural que ajuda a determinar o conteúdo a ser produzido. Desse modo, as inferências que os profissionais do jornalismo fazem a respeito do seu público-alvo, para a autora, atuam como indicadores do que deve ser abordado pela mídia e de qual maneira as notícias ali apresentadas podem ser formatadas e enquadradas:

Com base em elementos da sociologia do jornalismo, Gaye Tuchman (1993) analisa a notícia como uma construção social e se apropria do conceito de enquadramento para identificar os princípios de organização que estão na base da seleção e definição dos fatos noticiosos. A autora defende que os jornalistas dão uma “moldura” às histórias levando em conta os constrangimentos organizacionais do seu campo, crenças profissionais e julgamentos sobre a audiência. (GUTMANN, 2006, p. 33)

Considerando as explanações apresentadas por Gutmann (2006) a respeito da relação do profissional de jornalismo com a audiência, pode-se perceber que, se existem concepções pré-existentes e determinadas de público, existem também elementos que são julgados como guias de recepção que estabelecem padrões de enquadramentos noticiosos. Citando Gitlin (1980), o pesquisador Robert Hackett (1999, p. 120-121) conceitua tais padrões de enquadramento como “padrões persistentes de cognição, interpretação, apresentação, seleção, ênfase e exclusão, através dos quais aqueles que trabalham os símbolos organizam geralmente o discurso, tanto verbal como visual”.

Dentre os padrões que envolvem tanto o formato da construção da notícia como a escolha dos fatos que devem ou não ser noticiados (ou quais seriam de interesse público, conforme o julgamento dos profissionais de jornalismo) estão os chamados valor-notícia, que conforme Hall et al (1999):

(...) fornecem critérios nas práticas de rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, editores e agentes noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as “estórias” que serão “noticiáveis” e quais não são, quais “estórias” que merecem destaque são relativamente insignificantes (...). (HALL et al, 1999, p. 225)

Determinados pelo valor-notícia, os acontecimentos noticiosos (geralmente cercados por elementos extraordinários, dramáticos ou trágicos) são contextualizados em uma espécie de mapa de significados que dá base ao conhecimento cultural na sociedade. Tal concepção entende a sociedade como portadora de um consenso cultural unificado,

em um sistema de valores compartilhado:

A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do qual os media tornam o mundo a que eles fazem referência inteligível a leitores e espectadores. Este processo de “tornar um acontecimento inteligível” é um processo social – constituído por um número de práticas jornalísticas específicas, que compreendem (frequentemente só de modo implícito) suposições cruciais sobre o que é a sociedade e como ela funciona. (HALL et al, 1999, p. 226)

Pensar a sociedade como um monobloco e como um grupo com reações previsíveis se assemelha ao nível de construção social com a qual as culturas nacionais produzem sentido sobre uma ideia de nação sustentada pelos discursos midiáticos. São ideários formados no campo da representação que, segundo Hall (2005), estão “contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagem que delas são construídas”. Citando Benedict Anderson (1983), Hall (2005) afirma que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas. Esse imaginário, sustentado por estruturas políticas, sociais e culturais, também serve de base para que sejam reafirmadas zonas de poder e de disputa reproduzidas pelas mídias.

Nesse sentido, as organizações jornalísticas acabam por apresentar simbolicamente a estrutura de poder presente na ordem institucional da sociedade, destacando, mesmo que sutilmente, a hierarquias nacionais e as sociais, até mesmo na escolha as fontes creditadas para fornecimento de informações sólidas. Em uma espécie de hierarquia de credibilidade, a tendência é a de privilegiar representantes de instituições poderosas ou de elevado status na sociedade. Estas fontes são selecionadas como definidoras primárias da notícia.

Não se pode perder de vista o papel ideológico da mídia, quando esta adota um segmento seletivo da sociedade como fonte primária, sustentando a visão marxista na qual os ideais dominantes, em qualquer tempo, são os ideais da classe dominante. A escolha de definidores primários subjuga as demais fontes às suas ideias, estabelecendo uma hierarquia. Conforme Hall (1999):

O importante da relação estruturada entre os *media* e *primary definers* institucionais é que permite aos definidores institucionais estabelecer a definição ou interpretação primária do tópico em questão. Então esta interpretação “comanda a ação” em todo tratamento subsequente e impõe os termos de referência que nortearão todas as futuras coberturas ou debates. Os argumentos contrários a uma interpretação primária são

obrigados a inserirem-se na sua definição de “o que está em questão” – devem ter como seu ponto inicial esta estrutura de interpretação. (HALL et al, 1999, p. 230)

Essas reflexões são caras para entender o contexto de qualquer formato de notícia, visto que, a partir desses autores, percebe-se que em toda a formatação da informação, desde a seleção da sua fonte até a sua exibição como notícia, não se dá de forma neutra ou mesmo desconectada de uma estrutura de poder estabelecida socialmente. Na análise aqui proposta, tais aspectos podem ser observados e exemplificados, apontando o quanto uma notícia pode reafirmar, perigosamente, lugares complexos de manutenção de hegemonia e de *status quo*.

Análise de caso: Lotche e o falso assalto

Para a análise central proposta neste trabalho – o caso do falso assalto ao nadador Ryan Lochte durante as Olimpíadas de 2016 – serão utilizadas as coberturas dos webjornais *G1* (das *Organizações Globo* no Brasil), *El País* (da Espanha) e *BBC News* (Inglaterra/Reino Unido). Para facilitar a metodologia, formarão o *corpus* em análise dois textos de cada veículo: um sobre a primeira vez em que o caso foi noticiado e outro referente ao período em que os jornais retificaram a história, mostrando que o crime havida sido foi forjado.

G1

O caso Lochte foi pela primeira vez retratado no portal *G1* no dia 14 de agosto de 2016, relatado como o dia da ocorrência do fato, com uma matéria intitulada *Nadador americano Ryan Lochte é assaltado por homens armados*, contando os detalhes do assalto apenas com os relatos do atleta e do Comitê Olímpico Americano como fontes primárias da notícia. A versão tinha sido dada ao canal americano *NBC News* e foi reproduzida no texto. O mesmo afirma que o Comitê Olímpico Brasileiro, o Ministério dos Esportes e a Polícia Civil ignoravam o caso, não havendo denúncia formal do atleta. Contudo, o assalto não foi tratado como suposição, mas como fato.

Quatro dias depois, com o avançar das investigações, o formato da notícia mudou. O texto *Vídeo de posto de gasolina mostra confusão com nadadores americanos* já apresenta uma versão da polícia amparada pelo vídeo das câmeras de segurança do posto

vandalizado pelos atletas. O roubo, além de ser tratado com os termos “hipótese” e “suposto” na matéria, é descartado pelos investigadores responsáveis pelo caso. Além disso, o texto, bem mais denso, apresenta um depoimento detalhado de toda a ação relatada por funcionários do estabelecimento. Dos quatro atletas envolvidos no caso, o único que conseguiu deixar o Brasil foi Ryan Lochte, que ainda sustentava a ideia de que estava sendo tratado como suspeito, quando na verdade seria vítima.

El País

No jornal *El País*, o texto *Ladrões armados assaltam quatro nadadores norte-americanos no Rio*, publicado em 14 de agosto de 2016, destaca a figura de Ryan Lochte enquanto grande medalhista olímpico, e o assalto é tratado como o um fato confirmado pelo Comitê Olímpico Americano. O texto ainda ressalta que o crime, ocorrido com “atletas norte-americanos zelosos ao extremo com sua segurança”, teria aberto uma brecha em um sistema de segurança formado por mais de 80 mil militares, e reafirma a versão do nadador sobre o assalto, acrescentando que nenhum dos atletas estava ferido. O fato de a Polícia Civil não ter sido informada e até mesmo o Comitê Olímpico Internacional ter considerado as informações sobre o caso vagas pareceu não ser suficiente para que o assalto fosse considerado uma suposição.

Já no dia 20 de agosto, o jornal publicou a matéria *A noitada que Ryan Lochte não queria que o mundo soubesse*, apresentando uma narrativa voltada para a festa de comemoração da medalha de ouro do atleta, com ênfase no consumo de bebidas e nos seus relacionamentos casuais com algumas mulheres. O texto aponta que o nadador, que namorava uma modelo, estaria querendo esconder uma traição, inventando o suposto assalto. Toda a narrativa caminha para a descrição dos detalhes do vandalismo no posto de gasolina, no qual Lochte teria sido um dos mais exaltados.

Um dos trechos do texto, que sintetiza a farsa e suas consequências do “escândalo mundial” para a imagem do Brasil, vale ser destacado:

Em algum momento Lochte ligou para sua mãe para contar um pedaço da história: a de que tinham colocado uma arma na cabeça dele. E a senhora Lochte entrou em pânico. Ela demorou poucas horas em vazar o incidente aos jornalistas e a notícia chegou até a Austrália enquanto os nadadores dormiam. Não se sabe quem orientou Lochte a maquiar o episódio até torná-lo um escândalo mundial, e poder inclusive ser alvo de denúncia por falsa comunicação de crime, com pena de até seis meses de prisão ou multa. Mas a mentira foi tão mal contada – Lochte

e Feigen, os únicos que tinham declarado até então, entraram em seguida em contradições – que em quatro dias se desmoronou. (EL PAÍS, 2016)

Contudo, assim como o portal *GI*, o *El País* demonstrou somente desconfiar da “mentira mal contada” depois de que elementos mais concretos evidenciaram sua falsidade, ao validar, anteriormente, o relato de falsa comunicação de assalto dos atletas norte-americanos e do Comitê Olímpico dos EUA.

BBC News

Em 15 de agosto de 2016, a *BBC News*, ao tratar do caso, optou por abordar a repercussão do assalto na imprensa estrangeira (não foram encontrados registros do caso Lochte no webjornal antes dessa reportagem). O texto intitulado *Estrangeiros se dividem: o assalto de um atleta à mão armada pode manchar Jogos do Rio?* aborda o episódio como um “assalto contado com cores dramáticas” e como um incidente. Recorrendo ao mesmo relato apontado pelos dois portais já citados, o texto dá ênfase a opinião de colonistas sobre a imagem negativa que pairaria sobre as Olimpíadas após o episódio. A colunista Christine Brennan, do *USA Today*, classificou a situação como terrível e assustadora, enquanto que outras reportagens se dividiram: uns elencavam casos de assalto durante os jogos olímpicos para aprofundar a sensação de pânico e outros relativizavam a situação como uma mera “histeria da mídia”. A matéria ainda aponta para os ataques sofridos pelo Ministro dos Esportes, Leonardo Picciani, nas redes sociais e a acusação dos internautas de que o mesmo estaria tentando esconder o caso.

Já no dia 19 de agosto de 2016, com o desfecho da situação, a *BBC* publicou a matéria *Saga de Lochte mexeu com 'complexo de vira-lata' do brasileiro, diz artigo na 'New Yorker'*, optando por destacar um artigo do jornalista Alex Cuadros publicado na revista *New Yorker*, em que o profissional insinua que o brasileiro acompanhou com obsessão o caso Lochte até o final por preocupar-se de modo excessivo com o que os estrangeiros pensam a respeito do país, sendo isso um traço cultural do Brasil chamado “complexo de vira-lata”. Retomando a repercussão da imprensa estrangeira, a matéria aborda o destaque do caso nos principais jornais norte-americanos, que criticavam tanto Ryan Lochte como também alguns personagens brasileiros envolvidos na história, como os seguranças do posto de gasolina, considerados, pela imprensa, violentos.

Merecem destaque os trechos em que jornalistas estrangeiros citados no texto se valem de visões explicitamente preconceituosas para dar base aos seus argumentos:

Para o colunista do Los Angeles Times Bill Plaschke, o erro de Lochte e cia “foi não se dar conta de que o Rio não é apenas uma coleção anônima de praias sujas e morros cheios de criminalidade, mas também milhões de pessoas com dignidade e orgulho. O Rio pode ser seu saco de pancadas, mas não é saco de pancadas deles (dos cariocas), é a casa deles, da sua família”, escreveu. (...) Já para outra colunista do USA Today, Nancy Armour, “Ryan Lochte é um idiota, mas a polícia do Rio também não pode se arvorar moralmente” (...) “Quantas pessoas morreram desde o domingo? Quantas vítimas mais de crimes violentos?”, questionou. “Os criminosos sabem que a polícia está se concentrando na Olimpíada e nos visitantes para os Jogos, e estão tirando vantagem disso”. (*BBC News*, 2016)

Observações

No que tange à questão do valor-notícia, nas matérias dos webjornais foram adotados modos semelhantes de lidar com o relato do atleta. Os veículos destacaram o crime enquanto potente atração da audiência, enfatizando os detalhes que conferiam maior dramaticidade ao caso, como por exemplo subtração de pertences pessoais e a submissão dos atletas mediante ameaça com arma de fogo. Vale destacar que o contexto favorecia ainda mais a promoção de uma indignação do público por conta de o suposto fato ter ocorrido em uma época na qual a população era chamada a “viver a alegria” dos jogos olímpicos do Rio. Atletas violentados, nesse ambiente, seria um fato com grande probabilidade de comoção.

Por outro lado, com base nos estudos que apontam para as inferências dos jornalistas sobre seu público-alvo, uma ideia ideológica do Rio de Janeiro como um lugar consensualmente percebido como perigoso foi acionada pelos profissionais quando, mesmo na ausência de confirmação de órgãos oficiais, o relato de um único atleta foi tomado como credível. Ou seja, Ryan Lochte atuou como definidor primário da notícia, superando os definidores clássicos que costumam ser as organizações institucionais e a polícia. Contudo, não pode ser ignorado o fato de o nadador estar no Brasil enquanto um representante dos Estados Unidos e o quanto isso significa quando a perspectiva dos mapas culturais estabelecidos entre essas nações é considerada.

As relações entre os dois países historicamente sustentam o discurso de que os Estados Unidos é uma referência para a sociedade brasileira não só política como economicamente. Lochte, enquanto atleta nas Olimpíadas, não representava a si mesmo,

mas sim à América. Neste sentido, a América estaria sendo violada no Brasil. Por isso, o relato apresentado pelo atleta se sobrepõe aos discursos tradicionalmente considerados definidores primários. Com base nas concepções estereotipadas, o nadador constrói com facilidade uma narrativa rica em detalhes, com a certeza de que seria uma história não só provável como inquestionável.

Somente após o avançar das investigações é que o assalto começa a ser tratado como suposto e outras fontes são ouvidas e apresentadas pela mídia, que oferece um outro enquadramento para a questão. Contudo, durante o tempo em que o grupo de atletas foi considerado vítima de violência na capital carioca, grande foi a dimensão negativa. Nas mídias sociais e nos jornais nacionais e internacionais, especulações em torno da segurança dos atletas foram levantadas e manifestações de indignação com a violência no Brasil se multiplicaram, prejudicando, em certa medida, a imagem do país que abrigava representantes de diversas nações naquela ocasião.

G1 e *El País* fortaleceram ideais ideológicos, dando credibilidade a versão do nadador norte-americano na primeira abordagem sobre o caso, e a *BBC News*, por sua vez, deu espaço em suas matérias para o preconceito da imprensa norte-americana, que, utilizando um vasto repertório de estigmas sobre o Brasil, tomou o falso assalto como referência e o ampliou, colocando em dúvida o esquema de segurança das Olimpíadas e até mesmo a escolha do Brasil como sede das competições. Mais além, aspectos imaginados como culturais no país foram levantados, mostrando que as representações ideológicas são não só utilizadas para o enquadramento das notícias, como também reforçadas continuamente na imprensa internacional.

Considerações finais

Foi possível observar que, mesmo estando em espaços geográficos e políticos diferentes, os três webjornais analisados demonstraram compartilhar, em maior ou menor grau, de semelhantes noções de valor-notícia e de aspectos de enquadramento que convergiram para atender às forças ideológicas presentes nos mapas culturais cristalizados internacionalmente.

Desse modo, as coberturas sobre caso Lochte, definidor primário de uma falsa comunicação de crime de amplas proporções, podem ser consideradas exemplo de como forças político-ideológicas atuam para forjar o valor-notícia e de como os veículos

mediáticos e a difusão das notícias devem ser observadas com cautela e profundidade, a fim de que processos velados na configuração e na transmissão das informações sejam mais facilmente percebidos.

Referências

BBC NEWS. **Estrangeiros se dividem: o assalto de um atleta à mão armada pode manchar Jogos do Rio?** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37086415>>. Acesso em: 17 ago 2017.

BBC NEWS. **Saga de Lochte mexeu com 'complexo de vira-lata' do brasileiro, diz artigo na 'New Yorker'** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37129923>>. Acesso em: 17 ago 2017.

EL PAÍS. **A noitada que Ryan Lochte não queria que o mundo soubesse.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471560426_231747.html>. Acesso em: 12 ago 2017.

EL PAÍS. **Ladrões armados assaltam quatro nadadores norte-americanos no Rio.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/14/deportes/1471200925_573536.html>. Acesso em: 12 ago 2017.

GUTMANN, Juliana Freire. Quadros narrativos pautados pela mídia: *framing* como segundo nível do *agenda setting*?. In: **Revista Contemporânea**. vol.4. nº1. Salvador, jun 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v4i1.3481>>. Acesso em: 05 jul 2017.

G1. **Nadador americano Ryan Lochte é assaltado por homens armados.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/rio-2016-nao-confirma-que-ryan-lochte-foi-rendido-por-homem-armado.html>>. Acesso em: 12 ago 2017.

G1. **Vídeo de posto de gasolina mostra confusão com nadadores americanos.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/video-do-posto-de-gasolina-mostra-confusao-com-nadadores-americanos.html>>. Acesso em: 12 ago 2017.

HACKETT, Robert A. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1999. p. 101-130.

HALL, Stuart; CHRISTCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. A produção social das notícias: Os mugging nos media. IN: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1999. p. 224 – 248.

HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 47 – 65.